

Uma Análise do Capital Social no Arranjo Produtivo Local do Leite de Santana do Livramento

Tiago Zardin Patias¹

Daiana de Marco²

Milton Luiz Wittmann³

Thiago Reis Xavier⁴

Resumo

A dinâmica do cenário econômico exige das empresas a busca de vantagens competitivas sustentáveis como uma estratégia para sobreviverem no mercado concorrencial. Neste contexto, surgem os Arranjos Produtivos Locais (APLs) como forma de aumentar a competitividade e o capital social local e regional. O presente estudo tem como objetivo verificar o capital social no APL do Leite de Santana do Livramento-RS, identificando quais variáveis influenciam sua formação e propondo ações para potencializá-las. Caracteriza-se como uma pesquisa quantitativa de caráter descritivo, com coleta de dados por meio de um *survey* aplicado a uma amostra de produtores rurais de leite pertencentes ao APL. Infere-se que o capital social presente no APL do leite, mensurado pelas dimensões estrutural, cognitiva e relacional, apresenta elementos positivos, como a confiança, a identificação social e a participação, os quais necessitam de manutenção. Adicionalmente identificam-se elementos negativos, como as relações sociais entre os produtores, a baixa cooperação, a reciprocidade e a necessidade de maior interação.

Palavras-chave: Arranjo Produtivo Local. Capital social. Produtores rurais.

¹ Mestre em Administração pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor assistente da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Santana do Livramento. tiagopatias@unipampa.edu.br

² Graduada em Administração pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa). daiana.demarco@hotmail.com

³ Doutor em Administração pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). wittmann@profwittmann.com

⁴ Mestre em Administração e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor substituto do curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na Unidade Descentralizada de Ensino Superior de Silveira Martins. thianaka@yahoo.com.br

AN ANALYSIS OF SOCIAL CAPITAL IN LOCAL PRODUCTIVE ARRANGEMENT OF MILK FROM SANTANA DO LIVRAMENTO

Abstract:

The dynamics of economic environment requires that companies seek sustainable competitive advantages as a strategy to survive in the competitive market. Arise in this context the Local Productive Arrangements (LPAs) as a means to increase competitiveness and local and regional social capital. The present study aims to determine the social capital of LPA of milk from Santana do Livramento-RS, identifying which variables influence their formation and propose actions to empower them. It is characterized as a quantitative descriptive research, collecting data through a survey with a sample of rural milk producers belonging to LPA. It is inferred that in the present milk LPA, the social capital, measured by the structural, cognitive and relational dimensions, has positive elements, such as trust, social identity and participation, which require maintenance. It is also identified negative elements such as social relations among the producers, low cooperation, reciprocity and the need for greater interaction.

Keywords: Local Productive Arrangement. Social capital. Rural producers.

A dinâmica do cenário econômico exige dos agentes econômicos locais a busca por vantagens competitivas sustentáveis como uma estratégia de sobrevivência no mercado concorrencial. Neste contexto, surge a figura dos Arranjos Produtivos Locais (APLs) como forma de aumentar a competitividade e disseminar a cultura de processos de integração interempresarial.

Os APLs funcionam por meio de uma lógica relacional que utiliza a competição aliada à cooperação. Envolve a cultura local e a confiança entre os agentes do aglomerado, integrando as entidades de apoio para prestação de serviços, associando-as aos fatores de produção (terra, mão de obra, capital e tecnologia), capital social e as habilidades de governança da sociedade para aumentar a eficiência e eficácia de seus processos (Costa, 2010; Mascena; Figueiredo; Boaventura, 2013).

Por sua vez, o capital social diz respeito às variáveis que movem a sociedade como confiança, cooperação, sociabilidade, reciprocidade, normas, valores, sanções, expectativas, obrigações, laços entre os atores e fluxo de informações (Genari; Macke; Faccin, 2012), posto que por meio dessas variáveis é possível aumentar a eficiência e facilitar ações conjuntas dos APLs. Nesses preceitos, pode-se considerar que esses arranjos possuem uma conexão com o desenvolvimento local e regional por impulsionar o mesmo em decorrência de estruturas organizadas (Vecchia, 2006; Büttgenbender, 2010; Dias, 2011).

Esta dinâmica local e regional é composta pelas dimensões espaciais, econômicas, sociais, culturais e políticas, gerando uma prosperidade sólida e durável, o que torna o mesmo interligado ao desenvolvimento local e regional (Fauré; Hasenclever; Melo, 2007; Oliveira; Martinelli, 2014). Neste contexto, a existência de capital social, em um determinado APL pode potencializar a cultura local mediante a cooperação e a confiança entre os pequenos produtores e empresas e a consequente constituição da governança local, cuja estrutura se manifesta de várias formas dentro das dimensões que a compõem (Genari, 2010; Macke et al., 2012.).

A partir dos argumentos expostos, o presente estudo teve como objetivo verificar o Capital Social no APL do Leite de Santana do Livramento-RS, identificando quais variáveis influenciam sua formação e propor ações para potencializá-las.

O APL está localizado em Santana do Livramento-RS, cidade gêmea de Rivera na divisa do Brasil com o Uruguai e que possui uma extensão de 6.950,354 Km², abrangendo sete distritos com uma população de 82,464 habitantes 9,8% na zona rural e 90,2% na zona urbana (Instituto..., 2014). O município tem sua economia baseada no comércio, agricultura (arroz e soja), pecuária, indústria e serviços, destacando-se a criação de bovinos e ovinos, além da produção frutífera, com destaque, atualmente, para a vitivinicultura (Instituto..., 2014).

O APL, constituído há sete anos, é formado por aproximadamente 600 produtores rurais, que participam diretamente das associações de produtores e cooperativas locais. Também integram o APL a indústria de beneficiamento de leite, as instituições de ensino (universidades e centros de pesquisa), o poder público (Prefeitura), agentes financeiros e os fornecedores de insumos e equipamentos.

O artigo está dividido em sete seções. A primeira é constituída por esta introdução, contextualizando o tema e clarificando seu objetivo. As três seções seguintes compreendem a revisão de literatura, abordando as temáticas dos APLs, do capital social e suas inter-relações. Na sequência apresenta-se o delineamento metodológico utilizado para o desenvolvimento da investigação, e na próxima seção está presente a análise e a discussão dos resultados. Por fim, são apresentadas as considerações finais, com destaque para as contribuições sociais e teóricas e as limitações do estudo.

Os Arranjos Produtivos Locais (APLs)

O conceito de APL começou a ser desenvolvido com os conceitos de *clustering* e distritos industriais, que surgiram das concepções de Alfred Marshall, com os Princípios de Economia em 1890 (Keller, 2008, Fuini,

2013). Marshall (1982, p. 231), abordou as “concentrações de indústrias especializadas em certas localidades”, observando que as pequenas empresas poderiam ter vantagens através das aglomerações. Segundo Keller (2008, p. 33), as vantagens referidas por Marshall “nasciam da própria divisão do trabalho entre os produtores de um mesmo ramo industrial concentrados numa mesma região geográfica”.

Para Porter (2009, p. 223), um APL é classificado como um “aglomerado geograficamente concentrado de empresas inter-relacionadas e instituições correlatas em determinada área, vinculadas por elementos comuns e complementares”. O mesmo autor complementa que os APLs podem ocorrer em vários tipos de setores, em campos maiores ou menores e mesmo em negócios locais. Estes estão presentes tanto em economias grandes quanto em pequenas, em áreas rurais e urbanas e em vários níveis geográficos (países, Estados e cidades). Ainda estão inseridos em economias em desenvolvimento e desenvolvidas, observando que nestas últimas tendem a ser mais desenvolvidos.

Segundo Büttgenbender (2010, p. 102), os APLs atuam em torno de uma atividade produtiva, em um determinado território, e englobam “um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que se projetam em um determinado espaço cuja dimensão construtiva é econômica por definição, apesar de não se restringir a ela”. Este aglomerado “caracteriza-se por apresentar um produto representativo, em torno do qual se desenvolvem atividades subsidiárias de montante a jusante” (Costa; Costa, 2005, p. 9).

Normalmente os APLs desenvolvem-se em ambientes propícios à existência da cooperação, da interação e da confiança entre os diversos agentes e em ambientes compatíveis com ações públicas e privadas, ou seja, o que se denomina de capital social (Vecchia, 2006). Num APL encontram-se agentes econômicos, políticos e sociais que envolvem a participação e interação das empresas de jusante a montante, em suas variadas formas de representação e associação (Lastres et al., 2002; Sampaio; Alves, 2013).

Os APLs têm uma visão diferenciada da economia, quando comparados com agrupamentos mais tradicionais (empresas, setores, áreas de fabricação e serviços), uma vez que têm um alinhamento com a competição e com as fontes de vantagem competitiva (Porter, 2009). Os arranjos captam várias formas de complementação e efeitos colaterais em torno da tecnologia, qualificações, informação, marketing e necessidades dos clientes, e esses aspectos, segundo Porter (2009), são importantes para a competição, produtividade e velocidade de inovação.

Segundo Cassiolato e Lastres (2003), os APLs apresentam algumas vantagens como: serem constituídos por um grupo de diferentes agentes (associações, universidades, organizações financeiras, empresas de apoio, etc.) e atividades inter-relacionadas que usualmente caracterizam qualquer sistema produtivo local, além de representarem uma unidade de investigação coletiva que permite estabelecer uma relação entre o território e as atividades econômicas em vários níveis espaciais. Além dessas vantagens, abrangem o território no qual ocorre o aprendizado, sendo criadas as capacitações produtivas que estimulam a produtividade aliada à inovação. Nesta senda, os APLs influenciam a competição de três maneiras: aumento da produtividade dos setores componentes, fortalecem a capacidade de inovação e estimulam a formação de novas empresas que ampliam o APL (Cassiolato; Lastres, 2003; Cassiolato; Matos, 2012).

Freitas (2006) afirma que as vantagens competitivas duradouras formam-se por meio do fluxo de informação e conhecimento pertencentes a um APL. O APL funciona pela constante troca de informações entre todos os agentes, gerando inovações e a criatividade entre os envolvidos, que, por sua vez, desenvolvem novas técnicas de produção, redução de custos, estreitamento de relacionamento com fornecedores e mercado consumidor. O APL passa a contribuir com a geração de empregos e receita, além de acesso a mercados tanto nacionais quanto internacionais, até então considerados inatingíveis (Schiavetto; Alves, 2009). Rosalem, Silva e Santos (2008) afirmam que o APL:

deve manter ou ter a capacidade de promover uma convergência em termos de expectativas de desenvolvimento, estabelecer parcerias e compromissos para manter e especializar os investimentos de cada um dos atores no próprio território, e promover ou ser passível de uma integração econômica e social no âmbito local (p. 4-5).

A formação dos APLs, segundo Cassiolato e Lastres (2003), dá-se em torno da construção de identidades históricas semelhantes com uma governança local representativa. Eles têm um papel fundamental no desenvolvimento econômico, social e tecnológico, utilizando-se de uma lógica coletiva e exercendo o aprendizado, a troca de informações, a eficiência e o aumento da competitividade. Consequentemente autobeneficiam-se pelo engajamento de comunidades locais, centros de tecnologia e pesquisa, instituições de ensino e entidades públicas ou privadas, potencializando o capital social, objeto da próxima seção.

O Capital Social

O capital social teve destaque no meio acadêmico desde 1916, com os estudos de Lyda Judson Hanifan, em escolas comunitárias rurais dos EUA. Este trabalho pioneiro acreditava que o decréscimo da sociabilidade e as relações de vizinhança eram causa do aumento da pobreza (D'Araujo, 2003; Baquero; Cremonese, 2006). No decorrer dos anos, o conceito sofreu reformulações, passando por alguns autores como Jane Jacobs, com sua obra *A morte e a vida das grandes cidades americanas* (1950), o economista Glenn Loury e o sociólogo Ivan Light, focando o conceito de capital social para o desenvolvimento econômico nas grandes cidades americanas (D'Araujo, 2003).

A partir da década de 80, os sociólogos Francis Fukuyama (1996), Robert Putnam (2006), Pierre Bourdieu (2003) e James Coleman (1988) retomam a expressão, difundindo-a para diversas áreas da pesquisa e práticas sociais. Nestes estudos, surgem, tanto implícita quanto explicitamente, as

variáveis confiança, coesão social, redes, normas e instituições e percebe-se o capital social numa categoria viva, multiplicando seu entendimento em diversos ambientes em que é usado (Baquero; Cremonese, 2006).

A expressão capital social ganhou maior notoriedade na década de 90, a partir da manifestação do Banco Mundial, que destacou que “capital social refere-se às instituições, relações e normas sociais que dão qualidade às relações interpessoais em uma dada sociedade” (D’Araujo, 2003, p. 10). É a cola que mantém as instituições interligadas entre si e a sociedade visando o bem comum (D’Araujo, 2003; Faccin; Macke; Genari, 2013).

Ainda na mesma década, Putnam (2006) realiza um estudo na Itália com o objetivo de examinar as origens do governo eficiente. Em um capítulo de seu livro, *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna*, aborda a lógica da ação coletiva e o conceito de capital social. Esta obra logo se tornou um clássico nas áreas sociais, econômicas, psicológicas e educacionais (Putnam, 2006). Num embasamento mais direcionado, o autor afirma que capital social é representado pelos laços de confiança e de reciprocidade, e de cooperação e solidariedade entre indivíduos que conjugam uma mesma história, normas, valores, objetivos, obrigações e fluxos de informações.

Putnam (2006) assegura que o atraso ou avanço econômico pode ser explicado pelo nível de capital social que a sociedade apresenta. Para ele, o capital social é considerado um recurso coletivo ou comunitário, cujas atividades associativas causam um grande impacto no desenvolvimento econômico e na riqueza das comunidades. Já para Bourdieu (2003), capital social é um:

conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (p. 67).

O mesmo autor destaca também “a criação do capital social através do conceito de *habitus* – as atitudes, concepções e disposições compartilhadas pelos indivíduos pertencentes à mesma classe – que configura redes sociais de relacionamentos entre os agentes” (Bourdieu, 1980 apud Costa; Costa, 2005, p. 5).

O homem é a ponte entre o capital social e o desenvolvimento econômico que deve ser considerada na sua complexidade para formar a base destas duas estruturas, posto que o desenvolvimento é um processo e tem como resultado a elevação do bem-estar da sociedade, “obtida com responsabilidade ética e moral perante toda a natureza” (Souza, 2006, p. 128).

O capital social, segundo Baquero (2007), surge a partir de uma necessidade de encontrar canais efetivos de comunicação entre o Estado e a sociedade. Além desta necessidade, existe a preocupação com a destruição dos laços sociais tradicionais e a ausência de apoio às instituições que mantêm as relações sociais equilibradas.

O capital social gera ações construtivas para a sociedade, como afirma Baquero (2007, p. 35): “o capital social pode gerar governos mais democráticos e eficientes, ou instituições governamentais eficientes e legítimas que viabilizem a confiança interpessoal”. O autor destaca que o capital social não é estipulado por legislação, mas brota de interações cotidianas, influenciando no desenvolvimento por intermédio da geração de cooperação. O mesmo autor agrega que em sociedades nas quais as políticas convencionais não conseguem materializar o potencial do cidadão para se envolver em atividades coletivas ou ainda em ações para o desenvolvimento comunitário, o capital social, com suas variáveis, como reciprocidade e confiança, pode mudar esta realidade, pois tem efeito positivo. Entende-se capital social como a “capacidade de uma sociedade estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos” (D’Araujo, 2003, p. 10).

Nahapiet e Ghoshal (1997) destacam que o capital social é dividido em três dimensões distintas, mas que possuem uma importante conexão. A dimensão estrutural refere-se ao padrão de conexão entre os atores em termos de mensuração como densidade, conectividade, hierarquia e adequação organizacional. A dimensão relacional são os ativos criados e alavancados por meio do relacionamento e incluem atributos como identificação, confiança, normas, sanções, obrigações e expectativas. Já a dimensão cognitiva são os recursos que representam visões compartilhadas, interpretações e sistemas de significados, como a linguagem, códigos e narrativas (Nahapiet; Ghoshal, 1997; Genari, 2010; Macke et al., 2012).

Estas dimensões estão interligadas, sendo possível a troca de conhecimento entre elas, além de configurarem possíveis combinações entre suas variáveis. O autor complementa que a dimensão estrutural do capital social é influenciada pelas dimensões relacional e cognitiva. A notável relação das variáveis destas dimensões é que configura o capital social pertencente a uma determinada sociedade. O capital social, portanto, existe nas três dimensões integradas, mas também há uma interdependência das dimensões, ou seja, as dimensões estrutural, relacional e cognitiva podem aparecer em graus diferentes.

APLs e Capital Social

Marshall (1982) observou o ambiente construtivo do capital social nos distritos industriais ingleses envolvendo o entorno das instituições e o caráter das pessoas, constatando este fator como determinante para a prosperidade das indústrias. Amato Neto (2009, p. 15) afirma que “a principal contribuição do capital social no fortalecimento dos *clusters* revela-se na criação de um sistema de valores comum, que contribui para a união da região em torno de um objetivo comum”. O mesmo complementa que o capital social contribui para um ambiente favorável dos negócios, obtido pelo favorecimento da comunicação, cooperação e a construção de uma relação de confiança.

Na dimensão social dos aglomerados, o capital social é visto como fator fundamental para a formação de características inovadoras, empreendedoras, participativas e associativas. Este se identifica, segundo Amato Neto (2009, p. 42), “com a geração de empregos, potencial de atração de novos investimentos, novas oportunidades de qualificação profissional como a introdução de cursos especificados em escolas e faculdades da região”.

Porter (2009), ao analisar as estruturas sociais, ressalta que o relacionamento social entre os indivíduos e o seu capital social resultante possibilita ao APL ter acesso a recursos e informações indispensáveis ao seu funcionamento:

amplia ainda mais a noção de capital social ao explorar os mecanismos através dos quais a estrutura das redes de relacionamentos, dentro de uma localidade geográfica produz benefícios para determinada empresa. Os benefícios da confiança e da permeabilidade organizacional, fomentados pelas sucessivas interações e pelo senso de dependência mútua dentro de uma região ou cidade lubrificam as interações do arranjo produtivo local, que aumentam a produtividade, estimulam a inovação e resultam na criação de novas empresas (p. 242).

Para Matos (2009), a fonte de governança, coordenação, cooperação e a difusão do conhecimento se obtêm mediante o acúmulo de capital social dentro de um determinado APL. Desta forma, é pertinente a verificação da existência de construtos e variáveis do capital social que influenciam o desenvolvimento e sucesso de um APL.

Delineamento Metodológico

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa quantitativa de caráter descritivo, O estudo descritivo tem por objetivo “estabelecer relações e correlações entre variáveis” (Fossatti; Luciano, 2008, p. 54), sendo a análise quantitativa a mais indicada, na medida em que “o objetivo é

descrever, isto é, detalhar os componentes da amostra selecionada, melhorar a compreensão dos resultados” (p. 93). O intuito da presente investigação é observar as características de uma determinada população, na perspectiva de identificar possíveis relações e a natureza entre variáveis do capital social no APL do Leite do município de Santana do Livramento.

O método para a coleta escolhido foi o *survey*, que, segundo Collis e Hussey (2005, p. 70), consiste em “uma metodologia positivista na qual uma amostra de sujeitos é retirada de uma população e estudada para fazer inferência sobre essa população”.

O instrumento escolhido foi validado e aplicado por Onyx e Bullen (2000), que consideram oito fatores para explicar o capital social presente em uma comunidade: (1) participação na comunidade local; (2) proatividade no contexto social; (3) sentimento de confiança e segurança; (4) vínculos de vizinhança; (5) vínculos de família e amizade; (6) tolerância à diversidade; (7) valor da vida e (8) vínculos com o trabalho. Destaca-se que este instrumento foi aplicado e adaptado por Genari (2010) e Genari, Macke e Faccin (2012), que o relacionaram com as três dimensões do capital social apresentadas por Nahapiet e Ghoshal (1997) representadas na Tabela 1.

O instrumento proposto por Onyx e Bullen (2000) é constituído por dois blocos. O primeiro é composto por questões relacionadas ao capital social e às dimensões que o constituem (Tabela 1) e o segundo por questões que remetem ao perfil dos respondentes, como sexo, idade, grau de instrução, fonte de renda e salário.

Tabela 1 – Dimensões do capital social e seus elementos

Estrutural	Relacional	Cognitiva
Configuração e conexões da rede	Confiança	Códigos e linguagens compartilhados
Adequação da organização	Normas e sanções	Narrativas compartilhadas
Cooperação	Obrigações e expectativas	Cultura
Laços entre os atores	Identificação social	Valores
Reciprocidade	Interação entre os atores	Acesso à informação e/ou pessoas
	Participação e sociabilidade	

Fonte: Genari, 2010.

O questionário foi um *survey* presencial a produtores de leite rurais que frequentam a cidade em dia de pagamento. Para facilitar a aplicação do questionário, foi utilizada uma escala Likert de cinco pontos. Conforme Collis e Hussey (2005, p. 174), esta escala “transforma a pergunta numa afirmação e pede ao respondente para indicar seu nível de concordância com a afirmação”.

Universo da Pesquisa e Amostragem

Neste estudo, a população-alvo foi os membros do APL do Leite. Foi utilizado um nível de confiança (z^2) de 90% (1,64). A porcentagem com a qual o fenômeno se identifica foi calculada pela divisão de produtores (população a ser analisada) vinculados a duas instituições: Cooperativa Regional dos Assentados da Fronteira Oeste (Coperforte) e Associação dos Pequenos Produtores de Leite de Santana do Livramento (Applesa), que fazem parte do APL do Leite. O nível de erro utilizado foi de 10% . A população analisada foi de 330 produtores rurais de leite.

Tabela 2 – Representatividade da amostra

Instituições	População	%	Nº de questionários
Coperforte – sede	50	15,15	7
Coperforte – Crenors	250	75,75	38
Applesa	30	9,10	5
Total	330	100	50

Fonte: Elaboração própria.

Utilizou-se o método de amostragem aleatória simples, no qual, como descreve Vergara (2007, p. 50), “cada elemento da população tem uma chance determinada de ser selecionado”. A pesquisa foi aplicada por acessibilidade, na qual os elementos foram selecionados pela facilidade de acesso. Esta forma foi definida pela característica da população, que vem ao centro da cidade uma vez por mês, e pela dificuldade de numeração da mesma.

Os dados coletados com o questionário sofreram os tratamentos estatísticos para atingir os objetivos específicos propostos neste estudo, utilizando-se da análise estatística descritiva. Usaram-se os métodos de distribuição de frequência e medidas de tendência central: moda, média, desvio padrão, mediana e coeficiente de variação.

A partir do instrumento de coleta de dados utilizado e as análises já mencionadas foi possível atingir os objetivos propostos neste estudo, além de responder à problemática apresentada.

Análise e Discussão de Resultados

Nessa seção inicialmente faz-se uma análise das características dos pesquisados, produtores rurais de leite, pertencentes ao APL do Leite de Santana do Livramento. Posteriormente, analisa-se as dimensões do capital social propostas por Nahapiet e Ghoshal (1997) e instrumentalizadas por Onyx e Bullen (2000).

Características do Universo

O número de questionários aplicados aos produtores rurais de leite totalizou 50 questionários. Estes foram aplicados de forma presencial e individual em três locais que os produtores frequentam mensalmente quando do recebimento da sua produção de leite.

A faixa etária dos respondentes, embora heterogênea, mostra um equilíbrio entre a idade dos respondentes, entre 19-29 anos (21%) e 50-59 anos (22%). A faixa etária com maior porcentual é entre 40-49 anos com 33%. Percebe-se que acima de 40 anos estão 61% da amostra, ou seja, uma população que aponta para um envelhecimento. O gênero dos respondentes apresentou uma predominância do público masculino de 62%, contra 38% do gênero feminino. O grau de instrução é fator preocupante, pois a maioria

dos respondentes possui 1º grau incompleto, representando 54% da amostra. A maioria dos produtores rurais (60%) consegue obter uma renda mensal entre R\$ 622,00 a R\$ 1.200,00. Percebe-se neste quesito que a renda dos produtores rurais, na sua maioria, está muito aquém do necessário para suprir as necessidades básicas como alimentação, moradia, saúde, transporte, educação, vestuário, higiene, lazer e previdência, além de ser insuficiente para maiores investimentos na modernização da produção leiteira, visto que esta é de alto custo.

Análise das Dimensões do Capital Social

O capital social é composto por três dimensões: estrutural, cognitiva e relacional. Estas são constituídas por elementos distintos (já mencionados neste estudo) entre dimensões, mas interligados quanto ao capital social. O Quadro 1 apresenta o resultado global das dimensões do capital social.

Quadro 1 – Análise descritiva das dimensões

Dimensões	Média	Mediana	Moda	Desvio Padrão	Coefficiente de Variância
Estrutural	3,36	5	5	1,87	0,55
Cognitiva	4,07	5	5	1,31	0,32
Relacional	4,54	5	5	1,13	0,25

Fonte: Elaboração própria.

Mediante os resultados apresentados pelo Quadro 1, evidencia-se que a dimensão estrutural é que apresenta a menor média se comparada às dimensões cognitiva e relacional, o que mereceu uma atenção especial das seções seguintes. Outro elemento é o coeficiente de variância, que se mostrou mais heterogêneo quanto às respostas dos participantes. A moda e a mediana permaneceram constantes em todas as dimensões.

As dimensões cognitivas e relacionais apresentaram médias próximas e uma homogeneidade das respostas dos participantes, demonstrado pelos valores do coeficiente de variância, que se apresentaram baixos se comparados à dimensão estrutural. Nas subseções seguintes faz-se uma análise mais detalhada de cada uma das dimensões.

Análise Estrutural

A dimensão estrutural do capital social está relacionada às relações sociais, como os laços entre os atores, cooperação, reciprocidade e conexões de redes. A interligação entre estas variáveis proporciona um fortalecimento do capital social, pois a inexistência de um dificulta o sucesso de outra. As conexões de redes proporcionam maior acesso a recursos, criando os canais de informação, desta forma aumentam a disponibilidade de informação e reduz o tempo para consegui-la (Genari, 2010).

A cooperação, os laços entre os atores e a ação coletiva, vêm expressos nas questões “ajudar grupos locais como voluntário”, “participar da organização de algum serviço local” e “participar de algum projeto ou mutirão comunitário”. A participação na comunidade está representada pela “participação em eventos locais”, “ser membro ativo de alguma organização local” e “sentir-se em casa na comunidade local”.

A reciprocidade está relacionada à questão “mobilizar a comunidade numa situação de emergência”. Putnam (2006) afirma que a reciprocidade está interligada com os sistemas de participação cívica e esta auxilia os atores nas soluções dos dilemas coletivos.

A análise estatística das variáveis da dimensão estrutural aplicada aos produtores rurais de leite está representada no Quadro 2.

Quadro 2 – Variáveis da dimensão estrutural e resultado da análise descritiva

Variáveis	Média	Mediana	Moda	Desvio padrão	CV
Ajuda o grupo local como voluntário	2,9	2,5	1	1,88	0,65
Frequenta eventos da comunidade local	3,86	5	5	1,70	0,44
É membro ativo de alguma organização local	3,17	4,5	5	1,94	0,61
Sente-se em casa na comunidade local	4,88	5	5	0,51	0,10
Faz parte da administração de um grupo local	2,09	1	1	1,67	0,79
Tem participação comunitária para lidar com uma emergência	3,38	5	5	1,89	0,55
Participa em mutirão comunitário	3,27	5	5	1,93	0,59
Participa da organização de serviço na comunidade	3,36	5	5	1,88	0,56

Fonte: Elaboração própria.

Observando-se o Quadro 2 pode-se notar que as questões “frequentar eventos da comunidade local” e “sentir-se em casa na comunidade local”, apresentaram maiores médias se comparadas com as demais, concretizadas pelos baixos valores do coeficiente de variância (0,44 e 0,10, respectivamente) que conferem uma homogeneidade das respostas. A moda e a mediana obtiveram valor 5. Esses dados indicam que os produtores rurais estão familiarizados com sua comunidade, possuem laços de amizade entre os mesmos e também são recíprocos quanto a estas questões.

As questões “ajudar um grupo local como voluntário”, “participar da comunidade para lidar com uma situação de emergência”, “participar de um mutirão comunitário” e “participar da organização de um serviço na comunidade”, apresentaram médias 2,9, 3,38, 3,27 e 3,36, respectivamente. Os valores do desvio padrão e coeficiente de variância apresentaram-se altos, conferindo, assim, uma heterogeneidade das respostas. Estas questões estão relacionadas à reciprocidade, como afirma Putnam (2006, p. 181): “diz respeito a uma contínua relação de troca que a qualquer momento apresen-

ta desequilíbrio, mas que supõem expectativas mútuas de que um favor concedido hoje venha a ser retribuído no futuro”. Ainda a primeira questão apresentou mediana 2,5 e a moda 1, ou seja, a maioria dos respondentes nunca ajudou um grupo local como voluntário, mostrando que os produtores rurais possuem um nível de reciprocidade baixo ou não possuem a cultura do voluntariado disseminada na localidade.

A questão “fazer parte da administração de um grupo local” apresentou a menor média, 2,09, se comparada com as demais da dimensão estrutural. Os valores do desvio padrão 1,67 e o coeficiente de variação 0,79 foram elevados, mostrando que as respostas foram heterogêneas. Os valores da mediana e da moda mostram que a maioria dos produtores rurais nunca participou da administração de um grupo local. A falta de participação dos atores na sociedade implica diretamente falta de interação entre os mesmos, ou seja, se não há interação não há formação da cooperação e nem de redes. Também prejudica o compartilhamento de informações que são necessárias para a manutenção do capital social. Por entendimento, o capital social é o reflexo de certas relações e estruturas sociais, caracterizadas por atitudes de confiança e comportamentos de reciprocidade e cooperação (D’Araujo, 2003).

A dimensão estrutural se apresentou distinta quanto ao tema de reciprocidade, laços entre os atores e cooperação. Percebe-se, de modo geral, que a ação coletiva dentro desta dimensão não é muito disseminada, posto que os produtores rurais de leite não costumam participar das atividades comunitárias que geram um bem comum. Esta dimensão pode fortalecer o APL, conforme destaca Büttgenbender (2010), pois conformaria um campo de forças, uma teia de relações sociais.

Análise Cognitiva

A dimensão análise cognitiva do capital social relaciona-se aos códigos e linguagens compartilhadas, cultura, valores e acesso à informação/pessoas. Ressalta-se que as variáveis a seguir ajudam na manutenção do capital social, que são: “encontrar amigos ou conhecidos”, “conversar com muitas pessoas”, “ter acesso à informação para tomar decisões”, “telefonar para amigos”, “resolver impasses” e “sair da comunidade para visitar a família” (Genari, 2010).

As questões “recolher lixo de outras pessoas” também faz parte desta dimensão e se caracteriza como um código e/ou uma cultura. Por fim, as questões “mistura de cultura”, “gostar de diferentes estilos de vida”, “aceitar pessoas estranhas na vizinhança”, representam a facilidade de compartilhamento da linguagem e a não existência de preconceitos a novas mudanças na comunidade.

A análise estatística das variáveis da dimensão cognitiva aplicada aos produtores rurais de leite está representada no Quadro 3.

Quadro 3 – Variáveis da dimensão cognitiva e resultado da análise descritiva

Variáveis	Média	Mediana	Moda	Desvio Padrão	CV
Recolhe lixo de outras pessoas em lugar público	3,09	4	5	1,85	0,59
Mantém conversas telefônicas com amigos	3,13	3	3	0,93	0,29
Há pessoas com as quais conversou ontem	3,11	3	3	0,81	0,26
Sai da comunidade local para visitar a família	4,21	5	5	1,39	0,33
Vai às compras na redondeza e encontrar amigos ou conhecidos	4,82	5	5	0,55	0,11
Sabe aonde encontrar uma informação para tomar decisões	4,48	5	5	0,99	0,22
Está disposto a procurar uma solução quando tiver uma desavença com um vizinho	4,44	5	5	1,24	0,27
Acha que a mistura de cultura torna a vida melhor	4,49	5	5	1,02	0,22
Gosta de viver entre diferentes estilos de vida	4,5	5	5	1,16	0,25
Accita pessoas estranhas na vizinhança	4,40	5	5	1,07	0,24

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os resultados expostos no Quadro 3, tem-se que na dimensão cognitiva há uma discrepância entre os valores das médias que variam entre 3,09 e 4,82. Os valores da moda e mediana se apresentaram distintos em três questões da dimensão, respectivamente: “recolher lixo de outras pessoas em lugares públicos” (5 e 4), “conversas telefônicas com amigos” (3 e 3) e “pessoas que conversou ontem” (3 e 3). Os coeficientes

de variação apresentaram-se baixos mostrando uma homogeneidade das respostas, exceto na questão “recolher o lixo de outras pessoas em lugares públicos” que obteve a maior heterogeneidade das respostas com um valor de 0,59 (Cv). A média desta questão se apresentou a mais baixa (3,09), comparando com as demais. A mediana apresentou-se distinta, pois o desvio padrão foi de 1,85 representando uma heterogeneidade das mesmas.

Esta questão está relacionada ao conceito de capital social abordado por Bourdieu (2003, p. 67), que destaca que a criação do capital social se dá mediante “atitudes, concepções e disposições compartilhadas pelos indivíduos que configuram a mesma classe”.

Nesta dimensão, a questão “conversas telefônicas com os amigos” apresenta moda e mediana com valor 3 na escala, indicando que os respondentes na última semana conversaram de 3 a 4 vezes por telefone com seus amigos. Neste contexto, a questão “pessoas que conversou ontem” também apresentou moda e média 3, mostrando que os produtores rurais de leite conversaram no dia anterior à pesquisa entre 5 e 9 pessoas.

Uma questão relevante dentro desta dimensão é “saber aonde encontra uma informação para tomar uma decisão”, que apresentou uma homogeneidade das respostas com desvio padrão 0,99 e coeficiente de variação 0,22, o que reforça a condição dos APLs; é o que afirma Molina (2003 apud Freitas, 2006), referindo-se que para o compartilhamento do conhecimento a atividade de cooperação de informação “identificação dos membros e de suas competências, promoção do grupo e melhoria da comunicação entre os membros”, facilita a interação entre os atores e aumenta a disseminação da informação. Da mesma forma, o fluxo de informação e o conhecimento pertencente a um APL dão condições às vantagens competitivas duradouras (Freitas, 2006).

“Ir às compras na redondeza e encontrar amigos ou conhecidos” obteve a maior média (4,82), concretizada pela homogeneidade das respostas, indicando que os produtores rurais compartilham das mesmas normas, valores, cultura e hábitos.

As questões “achar que a mistura de cultura torna a vida melhor”, “gostar de viver entre diferentes estilos de vida” e “aceitar pessoas estranhas na vizinhança”, apresentaram médias constantes entre si e respostas homogêneas, observado nos baixos valores do coeficiente de variação (0,22, 0,25 e 0,24, respectivamente). Percebe-se que os diferentes modos de vida e a mistura de culturas são bem-aceitos pelos produtores rurais de leite. Também se mostraram bem-receptivos a novos vizinhos.

Análise relacional

A dimensão relacional do capital social é composta pelas variáveis confiança, normas, sanções, expectativas, obrigações, identificação social, participação, interação entre os atores e sociabilidade. A interação entre os atores está expressa nas questões “ser ajudado pelos amigos”, “visitar os vizinhos”, “sentir-se beneficiado ao ajudar os outros” e “sentir-se parte de uma equipe”. Estas questões estão interligadas com as obrigações e expectativas relacionadas aos atores, pois estes têm um comprometimento enquanto sociedade com os mais próximos.

A confiabilidade se faz presente na questão “sentir-se seguro caminhando na localidade” e “a localidade tem reputação de ser uma área segura”. Para Putnam (2006), essas variáveis citadas aumentam a eficiência da sociedade, promovendo a cooperação entre os indivíduos. Rosalem, Silva e Santos (2008) também afirmam que estes elementos de integração econômica e social no âmbito local fortalecem o APL.

A análise estatística das variáveis da dimensão relacional aplicada aos produtores rurais de leite está representada no Quadro 4.

Quadro 4 – Variáveis da dimensão relacional
e resultado da análise descritiva

Variáveis	Média	Mediana	Moda	Desvio Padrão	CV
Sentir-se valorizado pela sociedade	4,05	5	5	1,19	0,29
Quando se ajuda o próximo está ajudando a si mesmo	4,78	5	5	0,72	0,15
Sente-se seguro caminhando em sua localidade	4,60	5	5	1,04	0,22
Seus amigos lhe ajudariam quando precisasse	4,94	5	5	0,23	0,04
A localidade tem reputação de ser uma área segura	4,15	5	5	1,53	0,37
Visitou algum vizinho na última semana	4,17	5	5	1,51	0,36
Sente-se parte da comunidade local onde trabalha	4,84	5	5	0,77	0,16
Seus colegas de trabalho também são seus amigos	4,80	5	5	0,74	0,15
Sente-se parte de uma equipe no trabalho	4,58	5	5	1,20	0,26
Toma iniciativa no trabalho para fazer o que é preciso sem que lhe peçam	4,78	5	5	0,80	0,16
Ajuda colegas no trabalho mesmo não sendo sua tarefa	4,21	5	5	1,54	0,36

Fonte: Elaboração própria.

A partir dos resultados apresentados no Quadro 4 observa-se que a dimensão relacional do capital social apresenta respostas mais homogêneas, como indicam os valores do coeficiente de variação, moda, mediana e média. Percebe-se que nas questões “se seus amigos lhe ajudariam quando precisasse” e “se seus colegas de trabalho também são seus amigos”, os valores do coeficiente de variação apresentaram-se baixos (0,04 e 0,15, respectivamente), mostrando uma homogeneidade nas respostas. Ressalta-se que estas questões estão relacionadas ao nível de confiança e interação dos atores do APL do Leite. Neste sentido, Fukuyama (1996) enfatiza o papel da confiança para a prosperidade de uma nação, e afirma que esta é a base para o capital social.

As questões “se a localidade tem a reputação de ser uma área segura” e “sentir-se seguro caminhando na sua localidade”, apresentaram respectivamente médias 4,15 e 4,60, seguidas pelos desvios padrões 1,53 e 1,04, e também estão relacionadas à questão de confiabilidade dos produtores rurais e com o tempo de moradia na mesma localidade, que foi observada neste estudo, quando 82% dos respondentes moram a mais de 25 anos no mesmo lugar, e questões culturais como a tradição na atividade leiteira.

Estes pressupostos interligam-se com as afirmativas dos APLs que contribuem para o desenvolvimento local. Os mesmos têm como características a participação dos atores na geração de confiança e cooperação. A existência desta última é baseada num “relacionamento enraizado onde os agentes partilhem histórias, normas e valores comuns” (Costa; Costa, 2005), que Putnam (2006, p. 180) ratifica quando afirma que “confiança é a base do capital social”.

Considerações Finais

Este estudo teve por objetivo verificar o Capital Social no APL do Leite de Santana do Livramento, identificando quais variáveis influenciam sua formação e propor ações para potencializá-las.

A partir dos resultados expostos, aponta-se para a existência de capital social entre os produtores entrevistados, tendo em vista a participação comunitária dos produtores rurais de leite nos eventos locais e a interação social que se apresentou positiva, destacando-se o compartilhamento das mesmas normas, cultura e valores pelos produtores, pois costumam encontrar os amigos nos dias de compras, inclusive pelo fato de que os produtores vêm até a cidade uma vez por mês para receber e se relacionarem. Ressalta-se neste item que as variáveis da dimensão relacional como a confiança, normas, sanções, expectativas, obrigações, identificação social, participação, interação entre os atores e sociabilidade, também se apresentaram de forma positiva dentro do APL do Leite.

Apresentaram-se na pesquisa, no entanto, algumas fragilidades que podem ser potencializadas, que são as questões de voluntariado que, por sua vez, influenciam na construção da cooperação, no envolvimento com o grupo local que fortalece os laços entre os atores e na falta de uma cultura de mutirão. A questão de recolher lixo obteve divergências nas respostas, ou seja, algumas pessoas podem ter a cultura de recolher o lixo de outras pessoas em lugares públicos e outras não costumam ter esta atitude. As atitudes estão relacionadas aos códigos que cada produtor consegue transmitir ao próximo, formando uma rede de relações baseada na mesma cultura e valores, que faz parte da construção do capital social e do fortalecimento do APL.

Destaca-se que os produtores entrevistados formam uma amostra de uma população composta por homens, na sua grande maioria com um nível de escolaridade baixo, com renda abaixo de dois salários mínimos por família e que têm na produção de leite a principal fonte de renda, além de residir no meio rural, onde, historicamente, há dificuldades de acesso tanto estrutural quanto informacional.

Enfatiza-se que o APL é composto por entidades representativas dos mais variados segmentos, entre os quais os produtores rurais, que são a base de sustentação do APL, uma vez que produzem a matéria-prima principal – o leite. Saber se há e de que forma o capital social está presente, portanto, é de fundamental importância, pois indica ao APL onde há as maiores potencialidades e as fragilidades que precisam ser desenvolvidas, tendo em vista que a construção do capital social, em um determinado APL, é a condição fundamental para a valorização da cultura local para o incentivo da comunidade em compartilhar valores e interesses comuns, para a formação de redes, associações, consórcios de pequenos produtores e empresas, para a aproximação do governo local e outros parceiros como instituições e organizações, além de reforçar a cooperação, coordenação e confiança.

As ações a serem desenvolvidas pelo APL do Leite a fim de potencializar as variáveis que constituem o capital social poderiam se concentrar em atividades interativas, no sentido de desenvolver os laços de cooperação

entre os produtores. Estas poderiam ser desenvolvidas nos seminários anuais realizados pelo APL e aumentando a frequência dos dias de campo nas propriedades rurais. Outra forma de melhorar as relações entre os produtores é incentivá-los a participarem das feiras relacionadas à produção de leite. As cooperativas e associações, que são o elo, podem atuar de forma mais frequente na questão da assistência técnica e prestação de contas e serviços, oportunizam um fluxo de informações entre os produtores e a organização e atendem as expectativas dos mesmos que fortalecem as relações.

Neste contexto, não apenas as cooperativas e associações, mas o APL, por meio da sua governança, necessita estreitar as relações com os produtores a fim de obter deles as reais necessidades e propor melhorias, inferindo diretamente na dimensão social e econômica do município. A governança também deve buscar melhorias na infraestrutura logística do meio rural, a fim de melhorar as condições de comercialização do leite destes produtores. A consolidação do APL, por si só, já é uma ação de manutenção do capital social. As ações desenvolvidas em conjunto partilham a confiança e a cooperação e precisam de continuidade.

Por fim, destaca-se que o enfoque quantitativo aplicado ao estudo também se apresentou como uma limitação, posto que a relação quanti/quali deste tema não é simples, embora este estudo tenha proporcionado um maior entendimento do capital social no APL do Leite. Também o entendimento da mensuração de capital social necessita de um estudo aprofundado sobre autores familiarizados ao tema e aos métodos utilizados pelos mesmos.

Como sugestão para estudos futuros, a pesquisa sobre capital social poderá ser aplicada a todas as instituições que constituem o APL do Leite, para uma generalização concreta da composição do capital social neste APL, além de aumentar a abrangência da pesquisa a outros APLs da região em estudo.

Referências

AMATO NETO, J. *Gestão de sistemas locais de produção e inovação: Clusters/APLs*. São Paulo: Atlas, 2009.

BAQUERO, M. (Org.). *Capital social, desenvolvimento sustentável e democracia na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

BAQUERO, M.; CREMONESE, D. *Capital social: teoria e prática*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BÜTTENBENDER, P. L. *Arranjos institucionais, cooperação e desenvolvimento: redes econômicas, tecnológicas e sociais: sementes do desenvolvimento agregando valor*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M. M. O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M. L. (Orgs.). *Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local*. Rio de Janeiro: Relume Dumará Editora, 2003.

CASSIOLATO, J. E.; MATOS, M. P. Política brasileira para arranjos produtivos locais: o aprendizado acumulado e suas perspectivas. In: LASTRES, H. M. M et al. (Orgs.). *A nova geração de políticas de desenvolvimento produtivo: sustentabilidade social e ambiental*. Brasília: CNI, 2012.

COLEMAN, J. S. Social capital in the creation of human capital. *American Journal of Sociology*, v. 94, p. 95-120, 1988.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. *Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COSTA, A. B.; COSTA, B. M. Cooperação e capital social em arranjos produtivos locais. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 33., 2005, Natal. *Anais...* Natal, 2005.

COSTA, E. J. M. *Arranjos produtivos locais, políticas públicas e desenvolvimento regional*. Brasília: Mais Gráfica, 2010.

D'ARAUJO, M. C. *Capital social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DIAS, C. N. Arranjos produtivos locais (APLs) como estratégia de desenvolvimento. *Desenvolvimento em Questão*, v. 9, n. 17, p. 93-122, 2011.

FAURÉ, Y.; HASENCLEVER, L.; MELO, L. M. Configurações produtivas locais e desenvolvimento municipal: explorações no interior fluminense. In: FAURÉ, Y.; HASENCLEVER, L. (Orgs.). *Caleidoscópio do desenvolvimento local no Brasil: diversidade das abordagens e das experiências*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

FACCIN, K.; MACKE, J.; GENARI, D. Mensuração do capital social nas redes colaborativas vitivinícolas da Serra Gaúcha. *Organizações & Sociedade*, v. 20, n. 65, 2013.

FOSSATTI, N. C.; LUCIANO, E. M. *Prática profissional em Administração: ciência, método e técnicas*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

FREITAS, M. C. *Fluxos de informações e conhecimentos para inovações no Arranjo Produtivo Local de confecções em Salvador-BA*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2006.

FUINI, L. L. Os arranjos produtivos locais (APLs): uma breve explanação sobre o tema. *GeoTextos*, v. 9, n. 2, p. 57-83, 2013.

FUKUYAMA, F. *Confiança: as virtudes sociais e a criação da prosperidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

GENARI, D. *Mensuração do capital social e comprometimento nas indústrias vitivinícolas do vale dos vinhedos associadas à Aprovele e à Aprobelo: uma abordagem organizacional*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Administração da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul-RS, 2010.

GENARI, D.; MACKE, J.; FACCIN, K. Mensuração do capital social organizacional em redes de indústrias vitivinícolas brasileiras. *Revista Base*, v. 9, n. 1, p. 53-67, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. *Cidades@*. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/235B2>>. Acesso em: 15 out. 2014.

KELLER, P. F. Clusters, distritos industriais e cooperação interfirmas: uma revisão de literatura. *Economia e Gestão*, v. 8, n. 16, p. 30-47, 2008.

LASTRES, H. M. M. et al. (Orgs.). *Interagir para competir: promoção de Arranjos Produtivos e inovativos no Brasil*. Brasília: SEBRAE; FINEP; CNPq, 2002.

MARSHALL, A. *Princípios de economia*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MASCENA, K. M. C.; FIGUEIREDO, F. C.; BOAVENTURA, J. M. G. Clusters e APL's: análise bibliométrica das publicações nacionais no período de 2000 a 2011. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, v. 53, n. 5, p. 454-468, 2013.

MATOS, R. A. *Arranjo produtivo local (APL) como gerador de capital social: o caso do APL de Imbituva-PR*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Organização e Desenvolvimento da FAE Centro Universitário, Curitiba, 2009.

- MACKE, J. et al. Social capital in collaborative networks competitiveness: the case of the Brazilian wine industry cluster. *International Journal of Computer Integrated Manufacturing*, v. 25, p. 1-8, 2012.
- NAHAPIET, J.; GHOSHAL, S. Social capital, intellectual capital and the creation of value in firms. *Academy of Management Proceedings*, n. 22, p. 35-39, 1997.
- OLIVEIRA, M. F.; MARTINELLI, D. P. Desenvolvimento local e arranjos produtivos locais: uma revisão sistemática da literatura. *Interações*, v. 15, n. 1, p. 47-58, 2014.
- ONYX, J.; BULLEN, P. Measuring social capital in five communities. *Journal of Applied Behavioral Science*, v. 36, n. 1, p. 23-42, 2000.
- PORTER, M. E. *Competição*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- PUTNAM, R. D. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- ROSALEM, V.; SILVA E. A.; SANTOS, A. C. Arranjos Produtivos Locais e a inovação tecnológica: uma análise sob a ótica da economia de custos de transação. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO DE TECNOLOGIA, 5., Resende-RJ, 2008. *Anais...* Resende-RJ, 2008.
- SAMPAIO, C. A. C.; ALVES, F. K. Arranjo socioprodutivo de base comunitária (APL. Com): um projeto piloto na comunidade do entorno da microbacia do Rio Sagrado (Morretes/PR). *Organizações Rurais & Agroindustriais*, v. 15, n. 1, p. 30-42, 2013.
- SCHIAVETTO, F.; ALVES A. C. A. Identificação dos arranjos produtivos locais: uma análise sobre sua constituição no contexto regional e nacional. *Revista Eletrônica de Administração – Facef*, v. 13, ed. 14, 2009.
- SOUZA, J. D. S. Do capital social ao espaço econômico: o salto necessário. In: BAQUERO, M.; CREMONESE, D. *Capital social: teoria e prática*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.
- VECCHIA, R. V. R. D. Arranjos produtivos locais como estratégia de desenvolvimento regional e local. *Revista Capital Científico do Setor de Ciências Sociais Aplicadas*, v. 4, n. 1, 2006.
- VERGARA, S. C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

Recebido em: 9/5/2014

Aceito em: 21/10/2014